



MÁRCIO
NOME FICTÍCIO DE UM GAÚCHO, HÁ 10 ANOS NA BOLÍVIA

“O que a gente pode fazer é torcer para que ele (Evo Morales) não crie problemas.”

ANTÔNIO
FILHO DE UM AGRICULTOR DE SANTO ÂNGELO

“Estamos com medo de investir. Não podemos ser expulsos assim.”

Medo gaúcho na terra de Evo

Enviado Especial/Santa Cruz de la Sierra
MARCELO FLEURY

O medo os faz sentir subversivos. Começam elogiando o presidente Evo Morales e as condições de vida na Bolívia, pedem detalhes ao repórter sobre o enfoque da reportagem, negociam o encontro e, então, aceitam recebê-lo em um escritório na periferia de Santa Cruz de la Sierra, onde fecham a porta após a terceira mateada e confessam:

– Esse cara é louco. Estamos desesperados.

São agricultores gaúchos radicados na Bolívia desde meados dos anos 90, temerosos de que o próximo passo de Morales seja cumprir o prometido em 1º de maio, quando nacionalizou as reservas de gás.

– Estamos começando a nacionalizar os hidrocarbonetos. Amanhã, será a mineração, os recursos florestais. Serão todos os recursos naturais – bradou o presidente, incluindo as terras depois, no mesmo discurso.

A ameaça já vinha de sua campanha eleitoral, mas os brasileiros que plantam milho, arroz, trigo e, sobretudo, soja demoraram a levá-la a sério. Veio o decreto da semana que passou, no qual o governo se disse dono da Petrobras, e todos ainda mantiveram os negócios, apesar de assustados.



RONALDO BERNARDI. BD. 11/10/2004

A área plantada de soja na última safra chegou a 700 mil hectares, dos quais 99% na região de Santa Cruz; os brasileiros possuem cerca de 35% desse total

Temor e desconfiança

Cinco deles receberam Zero Hora na quinta-feira dizendo-se otimistas com o encontro de Morales e o presidente Luiz Inácio Lula da Silva naquele mesmo dia, em Puerto Iguazú. Mas o presidente Luiz Inácio Lula da Silva recusou, reconheceu a soberania da Bolívia e, então, eles ficaram aflitos. Na sexta-feira, desanimados, cancelaram o chimarrão, e não pouparam críticas ao governo brasileiro:

– O Brasil meteu o rabo entre as pernas.

– Se com a Petrobras, que é do governo, deixam a Bolívia fazer o que fez, quem vai sair em nossa defesa se Evo tomar nossas propriedades?

– Fomos humilhados, a partir de agora estamos sozinhos.

– Nossa embaixada aqui só quer saber de uísque e caipirinha.

Todos aceitaram contar suas histórias, mas não permitiram que fossem identificados. Temem que um exemplar de ZH chegue à mesa de Morales, fazendo-o começar por

A SOJA NA BOLÍVIA

O departamento (Estado) de Santa Cruz concentra a maior parte da produção agrícola boliviana:

- A soja é o principal cultivo
- A área plantada de soja na última safra chegou a 700 mil hectares, dos quais 99% localizados no departamento de Santa Cruz (isso equivale a apenas 3% da área destinada à soja no Brasil)
- O clima da região permite que existam duas safras por ano, ocupando a de inverno uma área de 300 mil hectares
- Os brasileiros possuem cerca de 35% das terras destinadas à soja, à frente dos bolivianos, que têm pouco mais de 30%, e dos japoneses, com 10%.



- As terras dos brasileiros estão concentradas principalmente ao norte de Santa Cruz de la Sierra e ao longo da fronteira com o Brasil
- Também há argentinos, canadenses e americanos

Editoria de Arte

eles a limpa de brasileiros da Bolívia.

Por isso, serão chamados de Antônio, Márcio, Francisco, Paulo e Carlos, nomes fictícios de três gaúchos e dois paranaenses que, juntos, plantam mais de 6 mil hectares de soja ao norte de Santa Cruz de la Sierra. Eles não permitem que a conversa

seja gravada e contêm o ímpeto das agressões contra o governo quando o repórter pega a caneta para registrá-las. Não aceitam fotos, nem contra a luz). Quando relaxam, porém, falam com a naturalidade própria de quem cresceu no campo – de Santo Ângelo ou Frederico Westphalen, no

caso dos gaúchos –, foi a Mato Grosso atrás de oportunidades e acabou na Bolívia por força das circunstâncias que tornaram mais rentável semear soja em um país onde as terras procuravam donos.

Hábitos herdados do Rio Grande

– Quer saber? Se Evo nos tirar o que temos, não vai haver reação. Ele governa. Pode ser assim, governando por decreto, tomando essas decisões que parecem malucas, mas ele é presidente e tem apoio popular. O que a gente pode fazer é torcer para que ele não crie problema – diz Márcio, o mais jovem dos cinco, que já completou 10 anos na Bolívia.

Quando se exaltam, falam ao mesmo tempo, misturando o português com o castelhano.

– Estamos com medo de investir. Nosotros não impusemos nada à Bolívia. Trouxemos do Brasil equipamentos, anos de pesquisa da Embrapa, ensinamos os bolivianos, com-

pramos as terras legalmente, estamos registrados, alguns estão tentando se naturalizar, não podemos ser expulsos assim, pela vontade de um colla (*indígena*) – afirma Antônio, filho de agricultores, que cresceu em Santo Ângelo e se mudou para Mato Grosso antes de seguir para a Bolívia.

Sujeito de hábitos simples – como pedir desculpas dezenas de vezes pelo cheiro ruim do carro –, ele parece o mais constrangido na hora de criticar o governo Morales. A toalha que usa para enxugar a mão antes de cumprimentar qualquer visitante faz as vezes de muleta quando a conversa envereda pelo terreno pouco confortável dos próximos passos do presidente boliviano. Antônio põe a mão sobre ela e se apóia, basta seus colegas especularem se a desapropriação de terras atingiria quem não produz ou quem não é boliviano.

– Acho que o problema é com quem não produz, os latifundiários – diz Francisco.

– Acho que é com a gente. E se esse homem inventa de distribuir a terra para os índios? – pergunta Márcio.

Data Publicação : 07/05/2006

Editoria : Especial

Ilustração : Foto / Mapa

Assunto :

Reportagem especial, Crise, Relações Comerciais, Indústria Petrolífera, Petróleo, Estatização, Refinaria, Governo Federal, Governo Luiz Inácio Lula da Silva, Impasse, Brasil, Bolívia, Negociação, Governo Evo Morales, Petrobras, Expropriação, Repercussão, Investidor, Agricultor, Relato, Medo, Propriedade